

Quanto das importações mundiais a China concentra?

How much of global imports does China account for?

João Pedro Torres Kdouh   

Michelle Márcia Viana Martins   

Letícia Aparecida de Oliveira   

Resumo

Este estudo quantifica o comércio mundial a partir da China. Utilizando dados da plataforma WITS de 60 países entre 1999 e 2023, o estudo mensura o *market share* e mapeia padrões de especialização comercial distintos entre países desenvolvidos (PD) e em desenvolvimento (PED). Os resultados mostram assimetrias estruturais: enquanto PD mantêm 85,2% do *market share* em bens intermediários para a China, fornecendo tecnologia incorporada, os PED aumentaram sua participação de 6,2% para 20,2% no período, mas permanecem restritos a 50,5% do mercado agrícola para a China. Contraditoriamente, a China direciona 83,1% de suas exportações de bens intermediários para PD, mas expande vendas de bens de capital para PED de 18,1% para 39,3%, sinalizando estratégia geopolítica de influência. O estudo conclui que essa configuração comercial cria dependência produtiva nos PD e dependência estrutural nos PED, com implicações para vulnerabilidade econômica e autonomia tecnológica. A pesquisa oferece dados e reflexões para repensar estratégias de diversificação comercial diante da volatilidade da demanda chinesa e tensões geopolíticas emergentes.

Palavras-chave: comércio internacional; China; países em desenvolvimento; países desenvolvidos; *market share*; especialização comercial.

Abstract

This research quantifies for the first time China's concentration of global imports, revealing that the country absorbs 14.2% of world trade between 2018-2023, compared to only 6.6% in 1999-2002. Using WITS platform data from 60 countries between 1999 and 2023, the study measures market share and maps distinct trade specialization patterns between developed countries (DCs) and developing countries (LDCs). Results show critical structural asymmetries: while DCs maintain 85.2% of market share in intermediate goods to China, supplying embedded technology, LDCs increased their participation from 6.2% to 20.2% over the period but remain restricted to 50.5% of China's agricultural market. Conversely, China directs 83.1% of its intermediate goods exports to DCs but expands capital goods sales to LDCs from 18.1% to 39.3%, signaling a geopolitical strategy of influence. The study reveals that this trade configuration creates productive dependency in DCs and structural dependency in LDCs, with implications for economic vulnerability and technological autonomy. The research provides empirical evidence to rethink trade diversification strategies amid volatile Chinese demand and emerging geopolitical tensions.

Keywords: international trade; China; market share; trade specialization; economic dependency.

1 INTRODUÇÃO

A evolução econômica da China a partir dos anos 2000 transformou as dinâmicas do comércio internacional. O PIB chinês cresceu 13,22% ao ano entre 2000 e 2023, superando a

média global de 5,04% (Bispo; Martins; Cechin, 2022; World Bank, 2024). No comércio exterior, as exportações chinesas saltaram de 4% para 10,35% do total mundial, com média anual de 4,3%, enquanto as importações passaram de 3% para 11,2%, crescendo 5,5% ao ano (WITS, 2024). Nos países em desenvolvimento (PED), a China tornou-se o destino principal para as exportações de minérios, produtos agropecuários e energéticos. Essas relações comerciais geraram benefícios no curto prazo, mas criam dependência econômica desses parceiros em relação à demanda chinesa (Bispo; Martins; Cechin, 2022).

Países da América Latina e África refletem essa dependência: entre 2008 e 2014, países latino-americanos concentraram 80% de suas exportações em soja, petróleo bruto, minério de cobre e minério de ferro (Casanova; García-Herrero, 2016). As exportações africanas mantêm-se restritas a combustíveis minerais, aumentando a vulnerabilidade às flutuações da economia chinesa (Casanova; García-Herrero, 2016). Botswana ilustra os efeitos dessa relação: ampliou exportações de bens primários para a China e importou insumos produtivos, mas perdeu mercados tradicionais devido à competição com produtos chineses de escala e custo menores (Sekakela, 2016). Isso evidencia especialização em produtos de baixo valor agregado e limitações na inserção em cadeias produtivas complexas, a partir das relações comerciais com o país asiático.

A literatura apresenta escassez de estudos comparativos entre países desenvolvidos (PD) e PED nas relações comerciais com a China. Predominam análises regionais sobre relações sino-africanas (Casanova; García-Herrero, 2016; Sekakela, 2016) e sino-latino-americanas (Casanova; García-Herrero, 2016), além de estudos específicos sobre Brasil (Pizzol *et al.*, 2023), Turquia (Başyigit, 2021), Estados Unidos (Lee; Dacass, 2022), Venezuela (To; Acuña, 2019) e Rússia (Røseth, 2017). Por essa razão, o problema de pesquisa deste estudo consiste em identificar qual o grau de concentração das importações chinesas e as divergências nos padrões de especialização comercial entre PD e PED. Testa-se a hipótese de que, apesar das diferenças estruturais, PD e PED compartilham padrões de dependência comercial frente à China, ainda que com características distintas.

O objetivo geral da pesquisa consiste em analisar a ascensão chinesa no comércio internacional entre 1999 e 2023, comparando PD e PED quanto aos níveis de concentração e competitividade das exportações destinadas à China. A literatura tem sugerido concentração dos PED em commodities, enquanto PD apresentam diversificação de produtos e mercados,

reduzindo exposição a choques externos. (Wang, 2007; Feenstra, 2010; Jenkins, 2010; Wang; Chen, 2016; Wang; Tian, 2022; Razaq; Muhammad; Karim, 2024).

Os resultados contribuem para a compreensão das dinâmicas do comércio global ao fornecer evidências sobre os padrões de dependência comercial entre diferentes grupos de países e a China. Além disso, sustentam a formulação de políticas comerciais visando ampliação de mercados, redução da dependência de um único parceiro comercial, e antecipação de riscos decorrentes das variações na demanda chinesa. No geral, o estudo oferece base para estratégias que promovam estabilidade econômica no cenário global.

1.1 A ENTRADA DA CHINA NA OMC

Apresentar o texto. Fonte Times New Roman. Tamanho da fonte 12. O espaçamento entre linhas deve ser 1,5. Com recuo na primeira linha do parágrafo de 1,25. Insira o texto aqui. Na década de 1990, a China superou o isolamento internacional pós-Guerra Fria ao diversificar suas relações econômicas, priorizando negociações com PED que viam no mercado chinês uma oportunidade para romper barreiras comerciais (WITS, 2024). Essa aproximação beneficiou ambos os lados: os PED ganharam acesso a um mercado em expansão, enquanto a China fortaleceu sua influência global. A participação chinesa nas exportações mundiais cresceu de 6,6% entre 1999-2002 para 9,5% em 2003-2007, alcançou 11,6% em 2008-2012, subiu para 13,7% em 2013-2017 e atingiu 14,2% entre 2018-2023.

A Tabela 1 revela que as exportações de bens de capital e intermediários superaram as de produtos agrícolas em todos os períodos, tanto no mundo quanto na China. Após a entrada da China na Organização Mundial do Comércio (OMC), a participação dos produtos agrícolas chinês nas exportações mundiais manteve-se estável em 0,3%, enquanto bens de capital passaram de 3,4% para 9,1% e intermediários de 2,9% para 4,7% (WITS, 2024). Essa evolução indica um padrão de crescimento comercial centrado em manufaturas e insumos industriais.

Tabela 1– Participação da China nas exportações globais (1999-2023).

	Mundo		China		Mundo		China	
	US\$*	% **	US\$*	% **	US\$*	% *	US\$**	% *
Período	1999 a 2002				2003 a 2007			
Agrícolas	1,9	7,7%	0,1	0,3%	3,7	7,0%	0,1	0,3%
Bens de capital	12,0	49,1%	0,8	3,4%	24,2	45,6%	3,0	5,6%
Bens intermediários	10,6	43,2%	0,7	2,9%	25,2	47,4%	2,0	3,7%

	Mundo		China		Mundo		China	
	US\$*	% **	US\$*	% **	US\$*	% *	US\$**	% *
Total	24,4	100,0%	1,6	6,6%	53,1	100,0%	5,1	9,5%
Período	2008 a 2012				2013 a 2017			
Agrícolas	6,2	7,8%	0,2	0,3%	7,3	8,5%	0,3	0,3%
Bens de capital	32,6	41,3%	5,6	7,1%	37,3	43,5%	7,4	8,6%
Bens intermediários	40,3	50,9%	3,4	4,3%	41,1	48,0%	4,0	4,7%
Total	79,1	100,0%	9,2	11,6%	85,6	100,0%	11,7	13,7%
Período	2018 a 2023				1999 a 2023			
Agrícolas	8,3	8,5%	0,3	0,3%	27,4	8,1%	1,0	0,3%
Bens de capital	42,0	43,2%	8,9	9,1%	148,1	43,6%	25,7	7,6%
Bens intermediários	47,0	48,3%	4,6	4,7%	164,1	48,3%	14,7	4,3%
Total	97,3	100,0%	13,8	14,2%	339,5	100,0%	41,4	12,2%

Fonte: Elaboração própria com base nos dados de importações do WITS (2024).

Nota: as cores em tons de azul mais escuro indicam maior participação da China no comércio mundial. O símbolo

* refere-se à soma das exportações em trilhões de dólares americanos, enquanto ** indica o percentual das exportações da China em relação ao total mundial.

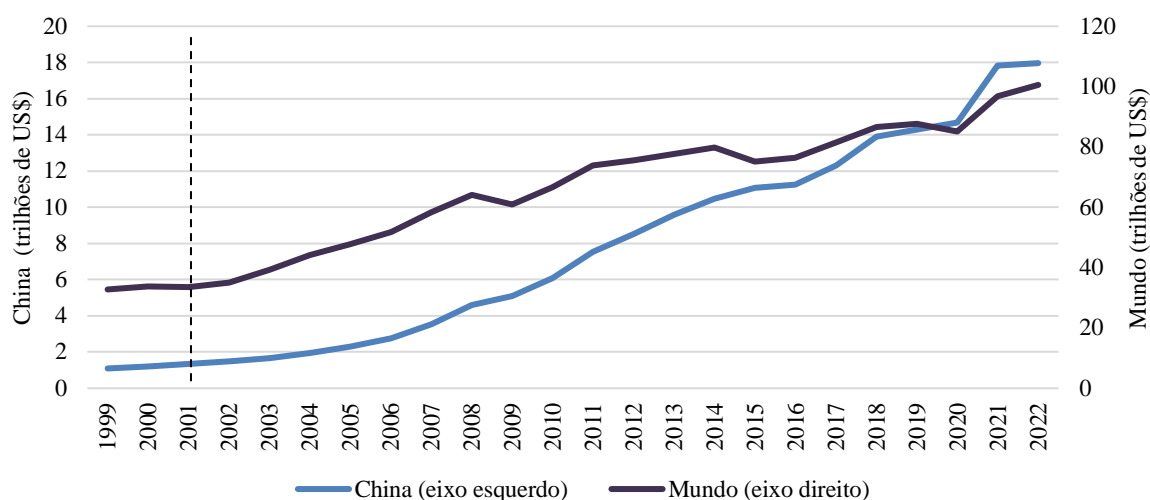
O fortalecimento do mercado interno chinês, impulsionado pela expansão das cadeias industriais, gerou efeitos de transbordamento na economia global, especialmente nos mercados emergentes. O crescimento chinês impactou economias com estruturas similares, a exemplo dos países do BRICS (Wang; Chen, 2016). Esse dinamismo favoreceu as exportações dos PED, mas também comprometeu sua competitividade industrial, revelando os desafios da globalização que, embora tenha promovido integração, acentuou a interdependência e a exposição à concorrência internacional (Norris, 2000).

A entrada da China na OMC em 2001 marcou um ponto de inflexão ao ampliar sua atuação como importadora de produtos primários e exportadora de bens industrializados. Esse reposicionamento favoreceu PED exportadores de recursos naturais e ampliou a influência chinesa a partir do crédito e investimentos externos (Sheng, 2012). A transição para um modelo industrializado consolidou o país como um dos principais atores do comércio internacional, impulsionando seu crescimento e aprofundando as relações com economias dependentes de exportações primárias (Bispo; Martins; Cechin, 2022; Carvalho, 2013).

O PIB da China apresenta crescimento contínuo ao longo do período analisado (Figura 1), acompanhando a expansão do PIB mundial. A adesão à OMC promoveu mudanças estruturais no país, como a ampliação dos direitos de comércio exterior para empresas privadas, redução de barreiras às importações e maior liberdade operacional interna. Essas transformações estimularam a industrialização da economia chinesa e aumentaram a demanda

por produtos primários importados, contribuindo para o crescimento do PIB chinês e o dinamismo da produção mundial de commodities voltadas ao mercado chinês (Tan, 2021).

Figura 1– Produto interno bruto chinês e mundial em trilhões de dólares entre 1990 e 2022.



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Banco Mundial (2024).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O comércio internacional impulsiona o crescimento econômico ao fomentar a cooperação entre as nações (Lobo, 2019). A compreensão dos padrões, benefícios e desafios deste fenômeno requer o exame da evolução das principais abordagens teóricas que orientam sua análise.

A Teoria das Vantagens Absolutas (TVA), proposta por Adam Smith em 1776, postula que os países devem concentrar-se na produção de bens nos quais possuam maior eficiência absoluta, desconsiderando as eficiências relativas de outras nações (Arevalo; Arruda; Carvalho, 2016). David Ricardo ampliou essa abordagem ao propor a Teoria das Vantagens Comparativas (TVC) em 1817, introduzindo os custos de oportunidade e demonstrando que mesmo países sem vantagens absolutas poderiam se beneficiar do comércio ao se especializarem nos setores em que fossem relativamente mais eficientes (Santos *et al.*, 2021; Krugman; Obstfeld, 2015).

John Stuart Mill expandiu as formulações clássicas com a Teoria dos Valores Internacionais (TVI), destacando os preços relativos como reguladores das trocas comerciais e assegurando equilíbrio nas transações globais. Mill diferiu de Smith e Ricardo ao introduzir um modelo mais flexível, atento às condições de mercado e às variações nos fluxos comerciais,

antecipando conceitos de teorias posteriores (Arevalo; Arruda; Carvalho, 2016). Contudo, essas teorias negligenciavam fatores produtivos como capital e tecnologia, motivando o surgimento do Teorema de Heckscher-Ohlin (HO), que associava a dotação relativa de fatores como terra, trabalho e capital às vantagens comparativas (Caliendo, 2010).

A Teoria de Stolper-Samuelson complementa essa análise ao examinar os efeitos do comércio sobre a remuneração dos fatores, enquanto o Teorema de Rybczynski investiga os impactos do aumento de um fator produtivo sobre a estrutura produtiva (Santos *et al.*, 2021). Essas abordagens, porém, não contemplavam externalidades, economias de escala ou elementos institucionais, limitações que levaram ao desenvolvimento de teorias mais abrangentes.

A Nova Geografia Econômica, desenvolvida por Paul Krugman, introduziu externalidades de aglomeração e economias de escala como fatores relevantes na localização das atividades produtivas e nos padrões comerciais (Krugman, 1991; Krugman; Elizondo, 1996). A Teoria da Competitividade Internacional, de Michael Porter, enfatizou a influência de fatores institucionais, tecnológicos e estratégicos, incorporando elementos como inovação, políticas públicas e infraestrutura (Porter, 1990; Porter; Heppelmann, 2015).

A trajetória chinesa ilustra essas abordagens teóricas. O desenvolvimento do país foi marcado pela incorporação tecnológica e digitalização, elementos que ampliaram sua competitividade internacional (Nonnenberg; Lima; Bispo, 2022). A Teoria da Inovação e Capacitação Tecnológica atribuiu à capacidade de inovar e ao investimento em pesquisa e desenvolvimento o avanço da China rumo a setores de maior valor agregado (Li-Hua, 2014). A Nova Economia Estrutural propôs o alinhamento entre vantagens comparativas e políticas industriais voltadas à diversificação econômica, destacando o papel do Estado chinês na promoção da industrialização e na inserção em cadeias globais de valor (Lin, 2011). A Iniciativa Cinturão e Rota exemplifica essa estratégia, quando o país empregou investimentos em infraestrutura como ferramenta de projeção econômica (Ye, 2020).

Por fim, o fenômeno “China Shock” analisa os efeitos da adesão da China à OMC sobre a economia global, focando nas transformações dos padrões de comércio, nas estruturas industriais dos países e nas consequências para os mercados de trabalho (Jakubik; Stolzenburg, 2021; Autor; Dorn; Hanson, 2021). Essa perspectiva teórica fornece a base conceitual para compreender as mudanças no comércio internacional decorrentes da ascensão econômica chinesa.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo analisa as dinâmicas comerciais entre a China, PED e PD entre 1999 e 2023, calculando a participação de mercado (*market share*) dos produtos exportados por essas economias nas importações chinesas e a inserção de bens chineses nas importações desses países. A investigação abrange três categorias de bens (agrícolas, intermediários e de capital), classificadas segundo o Sistema Harmonizado (HS) em nível de capítulo. O *market share* funciona como indicador da posição relativa e competitividade no comércio internacional, refletindo a capacidade de competição setorial e sistêmica. Este indicador orienta políticas públicas de desenvolvimento e decisões de investimento ao evidenciar setores com oportunidades ou riscos frente à concorrência externa.

A categorização dos bens segue critérios de Carneiro *et al.* (2022): agrícolas (HS01-HS24) incluem produtos agropecuários e processados; intermediários (HS25-HS83) englobam insumos como minérios, combustíveis, químicos e têxteis; bens de capital e consumo (HS84-HS99) concentram manufaturas de maior valor agregado, como eletrônicos e veículos. A heterogeneidade dentro de cada grupo exigiu que a mensuração do *market share* considerasse seções específicas do HS, conforme detalhado na Tabela 2, permitindo maior precisão na análise setorial. Essa abordagem identifica os produtos mais relevantes no comércio bilateral, possibilitando melhor compreensão das relações comerciais entre China, PED e PD.

Tabela 2 – Descrição das seções do Sistema Harmonizado (HS).

Seções do Sistema Harmonizado (HS)			
Grupo	Seção	Descrição	HS
Agriculturas	I	Animais e produtos animais	HS01–HS05
	II	Produtos vegetais	HS06–HS14
	III	Gorduras e óleos	HS16
	IV	Alimentos, bebidas, tabaco	HS16–HS24
	V	Minerais	HS25–HS27
Intermediários	VI	Produtos químicos	HS28–HS38
	VII	Plásticos e borrachas	HS39–HS40
	VIII	Peles, couro, artigos	HS41–HS43
	IX	Madeira e obras	HS44–HS45
	X	Pasta de madeira, papel	HS47–HS49
	XI	Têxteis e obras	HS50–HS63
	XII	Calçados, chapéus, etc.	HS64–HS67
	XIII	Pedras, gesso, cimento	HS68–HS70
	XIV	Pérolas, pedras, metais preciosos	HS71
	XV	Metais comuns	HS72–HS83

Seções do Sistema Harmonizado (HS)			
Grupo	Seção	Descrição	HS
	XVI	Máquinas, aparelhos elétricos	HS84–HS85
	XVII	Veículos de transporte	HS86–HS89
	XVIII	Instrumentos ópticos, médicos	HS90–HS92
	XIX	Armas e munições	HS93
	XX	Mercadorias diversas	HS94–HS96
	XXI	Objetos de arte	HS97

Fonte: Elaborada pelos autores, (2025).

Os valores comerciais são expressos em milhares de dólares americanos e analisados sob a perspectiva dos PED, PD e da China. O *market share* é calculado a partir dos produtos provenientes dos PED e PD na pauta importadora da China e vice-versa. Essa relação é obtida pela divisão do valor total das importações de um país *i* provenientes do país *j* pelo valor total das importações do país *i* oriundas do mundo *w*. Algebricamente, tem-se:

$$MS_{jkt} = \frac{I_{ijkt}}{I_{iwkt}} * 100 \quad (1)$$

MS_{jkt} representa a participação do grupo de países *i* (PED ou PD) no mercado *j* (China) para o bem *k* no ano *t* (1999-2023). I_{ijkt} denota o total importado pelo país *j* (China) de bens produzidos pelo grupo *i* (PED ou PD) do produto *k* em *t*, e I_{iwkt} corresponde ao contingente importado do mundo *w* de bens do grupo de países *i* (PED ou PD) da variedade *k* no ano *t*.

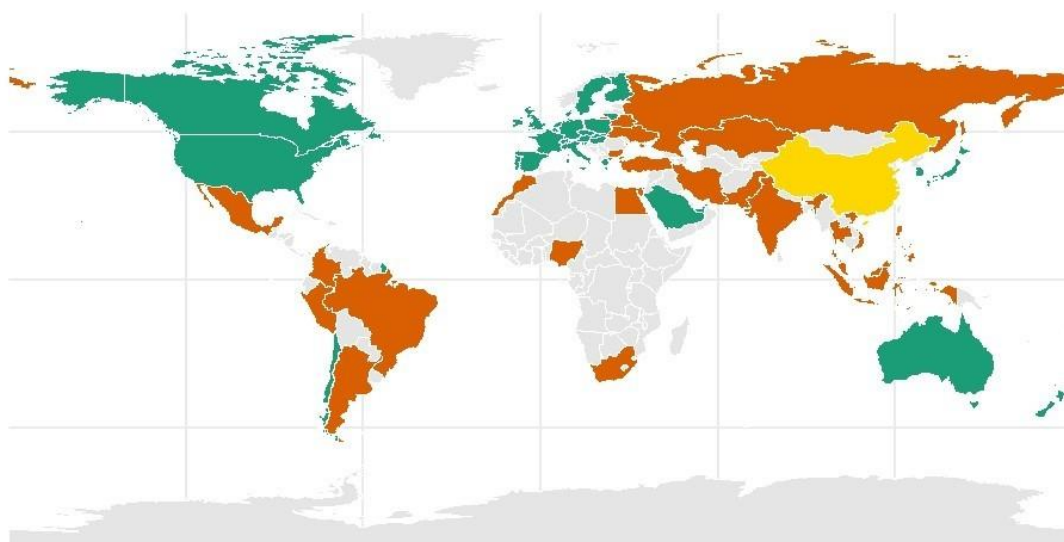
Para determinar a especialização das exportações de um país para outro, aplica-se um segundo cálculo obtido pela razão entre o valor importado pelos grupos de países *i* de bens *k* provenientes do país *j* sobre o valor importado no mundo *w* dos mesmos produtos *k*. O resultado identifica quanto do total das exportações do país *j* foram destinadas aos grupos *i*, no ano *t*, conforme:

$$EX_{jkt} = \frac{E_{ijkt}}{E_{iwkt}} * 100 \quad (2)$$

EX_{jkt} indica a dependência do país *j* (China) dos países dos grupos *i* (PD ou PED) no comércio do produto *k* no ano *t* (1999-2023). E_{ijkt} representa o contingente importado por *i* (PED ou PD) de *j* (China) do produto *k* em *t*, e E_{iwkt} denota o volume importado por *i* (PED ou PD) de *w* (mundo) da variedade *k* no ano *t*.

A análise utiliza dados do United Nations Comtrade, a partir do portal WITS (2024), abrangendo 60 países que respondem por cerca de 95% das exportações globais. A classificação entre PD e PED segue a tipologia de renda do WITS, com distribuição apresentada na Figura 2.

Figura 2 – Distribuição geográfica dos PD e PED, conforme amostra do estudo.



Categoria atribuída China (destaque) País desenvolvido País em desenvolvimento NA

Fonte: Elaborada pelo autores, (2025).

Nota: Os países NA (sem coloração) não foram considerados no estudo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A ascensão econômica da China redefiniu o comércio internacional, impactando PD e PED de forma distinta. Os resultados exploram as tendências e comportamentos das importações chinesas, abordando produtos, perfil de renda dos exportadores, distribuição regional e evolução do volume importado entre 1999 e 2023. Posteriormente, apresenta-se os resultados do indicador de *market share*.

4.1 VISÃO GERAL

A Tabela 3 mostra que cerca de 66% das importações chinesas concentram-se nos dez parceiros comerciais, principalmente economias de alta renda do Leste Asiático e do Ocidente industrializado, como Japão, Coreia do Sul, Taiwan, Estados Unidos e Alemanha. Isso reflete

a lógica das cadeias globais de valor, nas quais a China importa bens de maior complexidade tecnológica de países avançados (Johnson; Noguera, 2012).

Tabela 3 – Seleção dos principais países exportadores para a China (1999 a 2023).

País	US\$ trilhões	% importações (China)	Região	Renda
Japão	\$ 3,38	11,4%	Leste Asiático e Pacífico	Alta (PD)
Coreia do Sul	\$ 3,16	10,7%	Leste Asiático e Pacífico	Alta (PD)
Taiwan	\$ 3,03	10,3%	Leste Asiático e Pacífico	Alta (PD)
Estados Unidos	\$ 2,56	8,7%	América do Norte	Alta (PD)
Alemanha	\$ 1,71	5,8%	Europa e Ásia Central	Alta (PD)
Austrália	\$ 1,65	5,6%	Leste Asiático e Pacífico	Alta (PD)
Malásia	\$ 1,16	3,9%	Leste Asiático e Pacífico	Média alta (PED)
Brasil	\$ 1,10	3,7%	América Latina e Caribe	Média alta (PED)
Rússia	\$ 0,945	3,2%	Europa e Ásia Central	Média alta (PED)
Arábia Saudita	\$ 0,784	2,7%	Oriente Médio e Norte da África	Alta (PD)
Top 10	\$ 20,48	66%	-	-
Outros (49 países)	\$ 10,02	33%	-	-

Fonte: Elaborada pelos autores, (2025).

Alguns PED, como Brasil, Rússia e Malásia, figuram entre os exportadores para a China, mas com participações menores. Nesses casos, observa-se um padrão de inserção baseado na exportação de commodities energéticas, minerais e agropecuárias, uma estrutura comercial suscetível às oscilações dos preços internacionais e atrelada à demanda chinesa por recursos naturais (Pizzol *et al.*, 2023; Li; Li, 2021).

A Tabela 4 apresenta a composição das importações do país asiático, refletindo a transição do país para uma economia industrializada e tecnologicamente avançada. Destacam-se os bens classificados sob os códigos HS 85 e 84 (equipamentos eletrônicos, elétricos e máquinas), representativos dos bens de consumo e de capital, para manter a competitividade de sua base manufatureira (Wang; Tian, 2022). A pauta importadora inclui minérios e combustíveis fósseis (HS 27, 26, 74), para os setores de energia, transporte e transformação industrial; e plásticos e compostos químicos (HS 39 e 29), que funcionam como insumos intermediários. Os produtos agrícolas integram essa pauta, mas sua participação permanece modesta no total importado.

Tabela 4 – Principais produtos importados pela China (1999 a 2023).

Código dos produtos	Descrição	Em trilhões de USD	%
85	Equipamentos elétricos e eletrônicos	\$ 6,69	22,7%
27	Combustíveis minerais	\$ 3,23	11,0%
84	Máquinas e equipamentos mecânicos	\$ 3,01	10,2%
26	Minérios e produtos da mineração	\$ 2,32	7,8%
90	Instrumentos de precisão e médicos	\$ 1,69	5,7%
39	Plásticos e derivados	\$ 1,25	4,2%
87	Veículos e transporte terrestre	\$ 1,18	4,0%
29	Produtos químicos orgânicos	\$ 0,98	3,3%
71	Metais preciosos e joias	\$ 0,80	2,7%
74	Cobre e derivados	\$ 0,72	2,4%
Outros (87 produtos)	Outros	\$ 7,63	25,86%

Fonte: Elaborada pelos autores, (2025).

Em termos do perfil de renda, a Tabela 5 mostra que os países de alta renda permaneceram como a origem das importações chinesas, respondendo por 73,3% do valor total (US\$ 21,62 trilhões), mas esse predomínio reduziu-se ao longo dos anos. A participação de 82,8% no primeiro quinquênio (1999-2003) recuou até atingir 69,1% no quinquênio recente (2019-2023). Os países de renda média alta expandiram sua participação relativa, passando de 12,4% entre 1999-2003 para 21,4% no período de 2019-2023. A literatura apresenta duas justificativas para esse avanço: primeiro, a industrialização acelerada de exportadores como México, Vietnã e Malásia, que ganharam competitividade em eletrônicos, automóveis e bens mecânicos; segundo, os investimentos externos diretos chineses, no âmbito da Iniciativa Cinturão e Rota, no aumento da sofisticação exportadora desses parceiros, permitindo-lhes integrar etapas de maior complexidade das cadeias globais de valor (Shi *et al.*, 2024).

Tabela 5 – Perfil de renda dos países exportadores para a China (1999 a 2023).

Exportadores chineses por nível de renda	1999 – 2023 (período total)		1999 - 2003		2004 - 2008	
	USD tri *	%**	USD tri*	%**	USD tri*	%**
Alta Renda	\$ 21,62	73,3%	\$ 1,02	82,8%	\$ 2,73	77,8%
Renda Média Alta	\$ 5,66	19,2%	\$ 0,15	12,4%	\$ 0,55	15,8%
Renda Média Baixa	\$ 2,21	7,5%	\$ 0,06	4,8%	\$ 0,23	6,4%
Total	\$ 29,50	100,0%	\$ 1,23	4,2%	\$ 3,51	11,9%
	2009 - 2013		2014 - 2018		2019 - 2023	
	USD tri *	%**	USD tri *	%**	USD tri *	%**
Alta Renda	\$ 4,93	74,3%	\$ 5,78	74,5%	\$ 7,16	69,1%
Renda Média Alta	\$ 1,30	19,6%	\$ 1,44	18,5%	\$ 2,22	21,4%
Renda Média Baixa	\$ 0,40	6,1%	\$ 0,55	7,0%	\$ 0,98	9,4%
Total	\$ 6,63	22,5%	\$ 7,76	26,3%	\$ 10,36	35,1%

Fonte: Elaborada pelos autores, (2025).

Nota: Exportadores chineses por nível de renda trilhões de dólares americanos (USD)*; Porcentagem em relação ao total importado pela China**

Os países de renda média baixa apresentaram crescimento na participação, embora a partir de patamares modestos. A parcela de mercado desses países subiu de 4,8% no quinquênio inicial para 9,4% no quinquênio final, respondendo por 7,5% no agregado 1999-2023. Essa elevação está associada ao aumento das compras chinesas de commodities agrícolas, minerais e energéticas provenientes de nações latino-americanas e africanas, cuja pauta exportadora continua concentrada em produtos primários. A dependência de tais economias da demanda chinesa por recursos naturais é consistente com a condição de dependência de commodities (Unctad, 2019).

A Tabela 6 complementa a análise por nível de renda dos parceiros comerciais, a partir de uma abordagem regional. O Leste Asiático e o Pacífico permaneceram, ao longo de toda a série, a origem principal das importações chinesas: 53,7% do valor acumulado entre 1999-2023 e pouco mais de 52% em cada quinquênio desde 2009. Esse predomínio deriva de economias de alta renda da sub-região (Japão, Coreia do Sul e Taiwan), líderes na oferta de semicondutores, componentes eletrônicos e máquinas de precisão, cuja produção continua complementada por fábricas chinesas de montagem final. Aoyama, Song e Wang (2024) discutem que, embora esses países tenham intensificado controles regulatórios no comércio de bens de alta tecnologia, conservaram seu protagonismo como fornecedores da China em insumos de alto valor tecnológico.

Tabela 6 – Região dos países exportadores para a China.

Exportadores chineses por região	1999 – 2023 (Período total)		1999 - 2003		2004 - 2008	
	USD tri*	%	USD tri*	%	USD tri*	%
Leste Asiático e Pacífico	15,83	53,7%	0,76	61,3%	2,10	59,8%
Europa e Ásia Central	6,16	20,9%	0,25	19,9%	0,63	18,0%
América Latina e Caribe	2,13	7,2%	0,03	2,8%	0,17	5,0%
Oriente Médio e Norte da África	1,47	5,0%	0,03	2,4%	0,16	4,6%
América do Norte	3,01	10,2%	0,15	11,9%	0,35	10,0%
Sul da Ásia	0,39	1,3%	0,01	1,1%	0,07	1,9%
África Subsaariana	0,50	1,7%	0,01	0,5%	0,03	0,8%
Total	29,50	100,0%	1,23	4,2%	3,51	11,9%
	2009 - 2013		2014 - 2018		2019 - 2023	
	USD tri	%	USD tri	%	USD tri	%
Leste Asiático e Pacífico	3,51	53,0%	4,07	52,4%	5,40	52,1%
Europa e Ásia Central	1,35	20,3%	1,66	21,4%	2,27	22,0%
América Latina e Caribe	0,44	6,6%	0,54	7,0%	0,95	9,1%
Oriente Médio e Norte da África	0,39	5,8%	0,37	4,8%	0,52	5,0%
América do Norte	0,69	10,4%	0,87	11,2%	0,95	9,2%
Sul da Ásia	0,11	1,6%	0,09	1,1%	0,12	1,1%
África Subsaariana	0,16	2,3%	0,16	2,0%	0,16	1,5%
Total	6,63	22,5%	7,76	26,3%	10,36	35,1%

Fonte: Elaborada pelos autores, (2025).

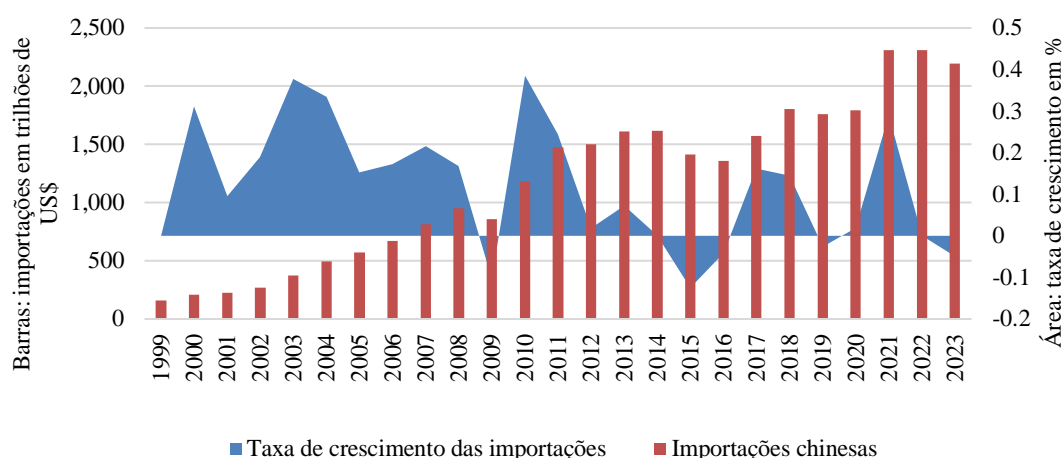
Nota: Exportações por região, em trilhões de dólares americanos (USD), para a China*

A Europa e a Ásia Central registraram a segunda maior participação nas importações chinesas, passando de 19,9% para 22% entre 1999-2003 e 2019-2023, sustentada pela importação de bens de capital europeus, evidenciando a dependência chinesa de maquinário de alta engenharia (Jian; Ding; Ma, 2022). O crescimento mais expressivo ocorreu na América Latina e Caribe, cuja participação aumentou de 2,8% para 9,1%, impulsionada pela especialização em soja, minério de ferro e petróleo, e pela diversificação de fornecedores da China após a guerra comercial sino-americana (Dhoubhadel; Ridley; Devadoss, 2023; Guo, 2023). Nos demais agrupamentos, as variações foram menores: Oriente Médio e Norte da África mantiveram cerca de 5%, América do Norte situou-se próxima de 10%, com declínio para 9,2%, e Sul da Ásia e África Subsaariana permaneceram abaixo de 2% e 1,5%, respectivamente, indicando que os avanços latino-americanos e euro-asiáticos foram predominantes na recomposição regional das importações chinesas.

A trajetória das importações chinesas entre 1999 e 2023 (Figura 3) reflete mudanças decorrentes da abertura comercial e da adesão à OMC em 2001, quando se observa aumento superior a 30% nas variações anuais entre 2002 e 2004. A liberalização tarifária e a atração de

investimento estrangeiro direto expandiram a demanda por insumos importados para a indústria manufatureira (Casanova; García-Herrero, 2016). A retração de 10% em 2009 é atribuída à crise financeira global de 2008, que reduziu as compras chinesas.

Figura 3 – Importações da China: valor e taxa de crescimento (%).

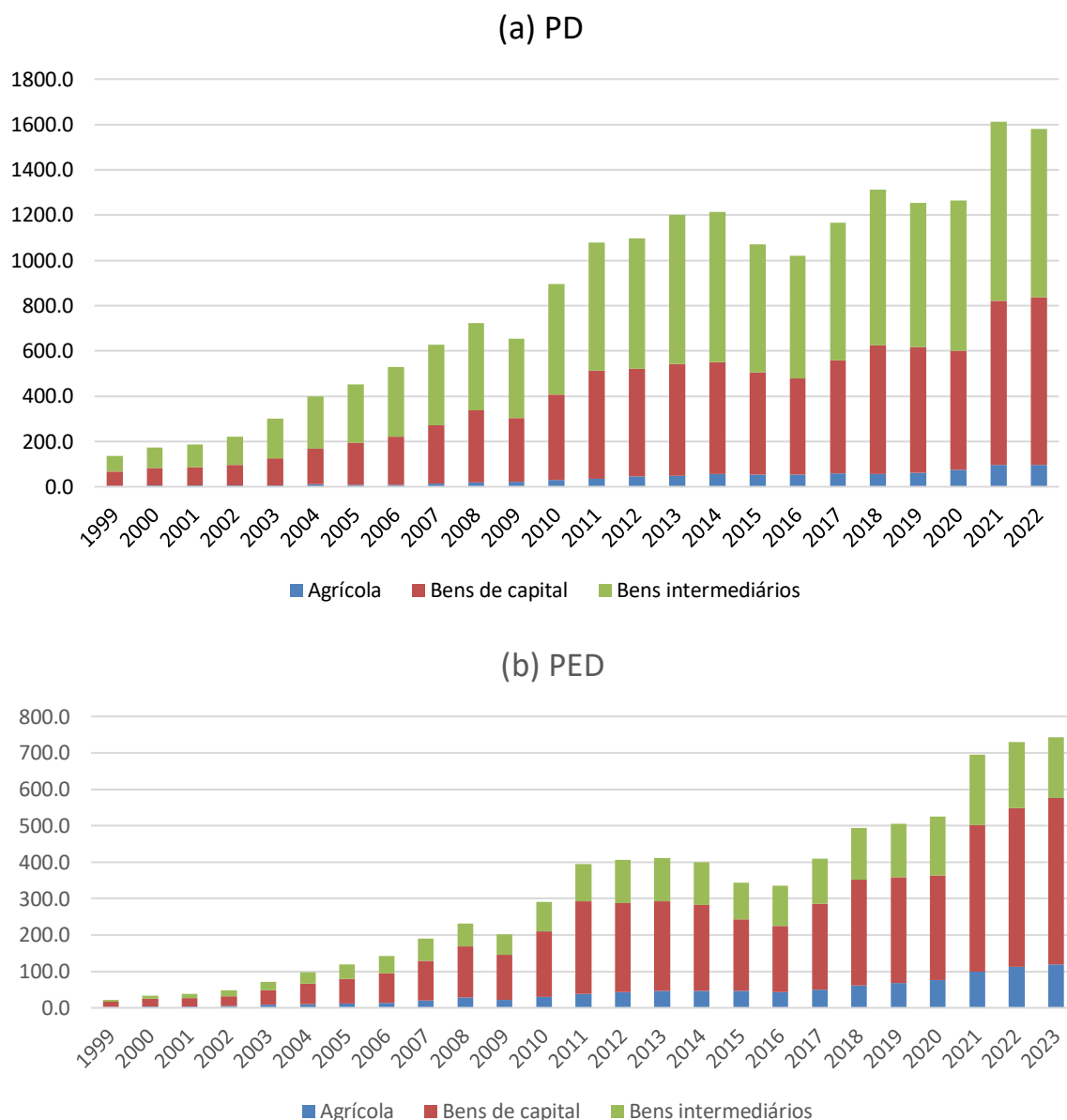


Fonte: Elaborada pelos autores, (2025).

Entre 1999 e 2023, as importações chinesas apresentaram oscilações devido a choques conjunturais: queda em 2015 pelo fim do superciclo das commodities e ajustes industriais (Kang; Liao, 2016), retração em 2019 pela guerra tarifária sino-americana (Autor; Dorn; Hanson, 2021) e movimentos contrastantes durante a pandemia de Covid-19, com crescimento em 2020-2021 e queda em 2023 (Aoyama; Song; Wang, 2024). Esses padrões refletem, também, a transformação da China de importadora de bens intermediários e commodities para uma estratégia seletiva, orientada por metas tecnológicas, energéticas e geoestratégicas (Cintra; Silva Filho; Pinto, 2014).

Como evidenciam as Figuras 4 (a e b), o aumento das importações ocorreu tanto de PD quanto de PED, consolidando-se após a adesão à OMC em 2001 (Feenstra, 2010). Esse processo reforçou o efeito “China Shock”, impactando a dinâmica exportadora global e ampliando a presença chinesa nos mercados internacionais, impulsionada por sua capacidade produtiva e demanda crescente (Autor; Dorn; Hanson, 2021; Jakubik; Stolzenburg, 2021).

Figura 4 – Importações chinesas por categoria de produto (valores absolutos e % por categoria): (a) PD; (b) PED.



Elaborada pelos autores, (2025).

Nos PD, as exportações para a China permaneceram estáveis, com bens de capital entre 44% e 50%, intermediários entre 39% e 55% e agrícolas entre 3,9% e 5,7%, refletindo vínculos comerciais duradouros e integração tecnológica. Nos PED, observou-se maior volatilidade: bens intermediários oscilaram de 53,6% em 1999 a picos acima de 64,2% entre 2010 e 2013, produtos agrícolas variaram entre 35% e 39%, e bens de capital aumentaram de 5,9% para

10,2%, evidenciando concentração em recursos naturais e insumos intermediários. Esses padrões ilustram a segmentação das importações chinesas: os PD fornecem itens de maior valor agregado e complexidade tecnológica, enquanto os PED atendem à demanda por produtos primários e intermediários, revelando a assimetria nas relações comerciais com a China.

4.2 ANÁLISE COMPARATIVA DO *MARKET SHARE* E DA ESPECIALIZAÇÃO COMERCIAL ENTRE PD E PED

O indicador de *market share* reflete a competitividade global e as estratégias comerciais, evidenciando a participação de um país no mercado de importação de outro e a capacidade de penetração dos seus produtos. A Tabela 7 mostra a repartição, por categoria de produto, do *market share* dos PD e PED nas importações da China. Os valores médios, mínimos e máximos indicam os extremos dos pesos relativos de cada grupo de exportadores. Na pauta agrícola, observa-se equilíbrio entre PD e PED. A média de 49,9% para o primeiro grupo e 50,5% para o segundo mostra que nenhum dos grupos assumiu destaque nesse segmento.

Tabela 7 – *Market share* (%) da China nas importações de PD e PED, por categoria.

Tipo de país	Categoria	Média (%)	Mínimo (%)	Máximo (%)
PD	Agrícola	49,5%	39,9%	60,8%
PED	Agrícola	50,5%	39,2%	60,1%
PD	Intermediário	85,2%	79,8%	93,8%
PED	Intermediário	14,8%	6,2%	20,2%
PD	Capital	69,8%	60,7%	81,9%

Fonte: Elaborada pelos autores, (2025).

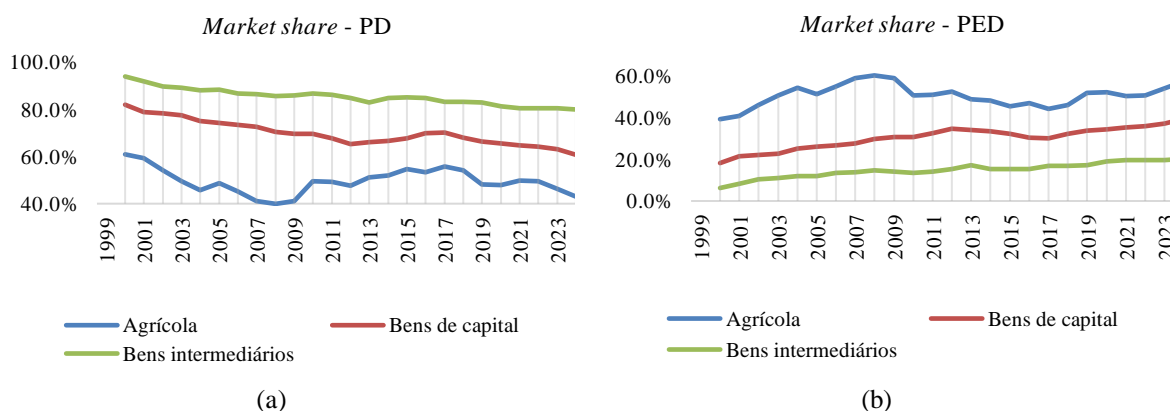
Embora as exportações agrícolas sejam associadas aos PED, os PD continuam a desempenhar papel como fornecedores de soja, cereais, carnes premium, lácteos e frutas, sustentando parte do mercado chinês (OECD-FAO, 2018). Entre os PED, Brasil, Argentina e Rússia se destacam como fornecedores em expansão de soja e milho, após a guerra comercial sino-americana, mas isso não diminui a predominância dos PD em produtos de maior valor agregado e que exigem padrões sanitários rigorosos (Dhoubhadel; Ridley; Devadoss, 2023).

No caso dos bens intermediários, os PD respondem em média por 85,2% das importações chinesas, devido à especialização em insumos industriais sofisticados, como resinas, aditivos químicos, plásticos de engenharia, vidros especiais, cerâmicas industriais e

ligas metálicas de alta tecnologia. Os PED participam de forma limitada, cerca de 14,8%, indicando que, apesar de avanços em economias asiáticas e latino-americanas, a oferta de insumos industriais avançados permanece concentrada nos PD. Nos bens de capital, a participação dos PD é dominante, com média de 69,8%, enquanto os PED respondem por 30,2% das importações chinesas. A presença dos PED nesse segmento está associada a países de renda média inseridos em cadeias globais de montagem de máquinas e equipamentos eletrônicos, que conquistaram nichos. A China continua a recorrer a fornecedores avançados para adquirir tecnologia incorporada, usando os PED para itens padronizados ou etapas de montagem em que o custo de produção é determinante.

A evolução do *market share* mostra essas mudanças (Figura 5): em 1999, os PD respondiam por 60,8% das exportações agrícolas para a China, enquanto os PED correspondiam a 39,2%. Ao longo dos anos, os PED aumentaram sua participação, impulsionados pela abertura do mercado chinês após a entrada na OMC, com produtores de commodities redirecionando parte de sua produção para atender à demanda chinesa.

Figura 5 – *Market share* das exportações para a China, 1999–2023 (%): (a) PD; (b) PED.



Elaborada pelos autores, (2025).

O aumento da participação do setor agrícola é impulsionado pela demanda chinesa por alimentos e matérias-primas, mas essa especialização pode gerar vulnerabilidades diante de flutuações de preços ou mudanças nas políticas comerciais chinesas. A concentração das exportações de commodities pelos PED pode expor essas economias a choques externos (UNCTAD, 2019), sendo influenciada por fatores como políticas agrícolas e tensões comerciais, a exemplo da guerra EUA-China (Dhoubhadel; Ridley; Devadoss, 2023).

Nos bens intermediários, a participação dos PED cresceu de 6,2% em 1999 para 20,2% em 2023, enquanto os PD reduziram-se de 93,8% para 79,8%. Os PED fornecem matérias-primas e produtos semiprocessados, e os PD, componentes de maior valor agregado. A China, como centro global de produção, demanda insumos diversos, integrando PD e PED em suas cadeias de valor. Essa integração pode criar dependência de um mercado concentrado, limitando diversificação e resiliência (Casanova; García-Herrero, 2016; Casanova; Xia; Ferreira, 2016).

No caso dos bens de capital, o *market share* dos PD caiu de 81,9% para 60,7% entre 1999 e 2023, enquanto os PED subiram de 18,1% para 39,3%. A política de “Dupla Circulação” chinesa busca reduzir dependência externa e alcançar autossuficiência em setores estratégicos, fortalecendo o mercado interno e a inovação (Razaq; Muhammad; Karim, 2024), o que pode reconfigurar as relações comerciais.

Sob a ótica da dependência chinesa em relação aos mercados externos, a análise de especialização revela que a China exporta de forma mais intensa para PD do que para PED. A Tabela 9 confirma esse padrão, com os PD absorvendo cerca de 80% das exportações agrícolas, intermediárias e de capital, destacando-se os bens intermediários, que representam, em média, 83,1% das vendas chinesas para PD, reforçando seu papel nas cadeias de alta renda.

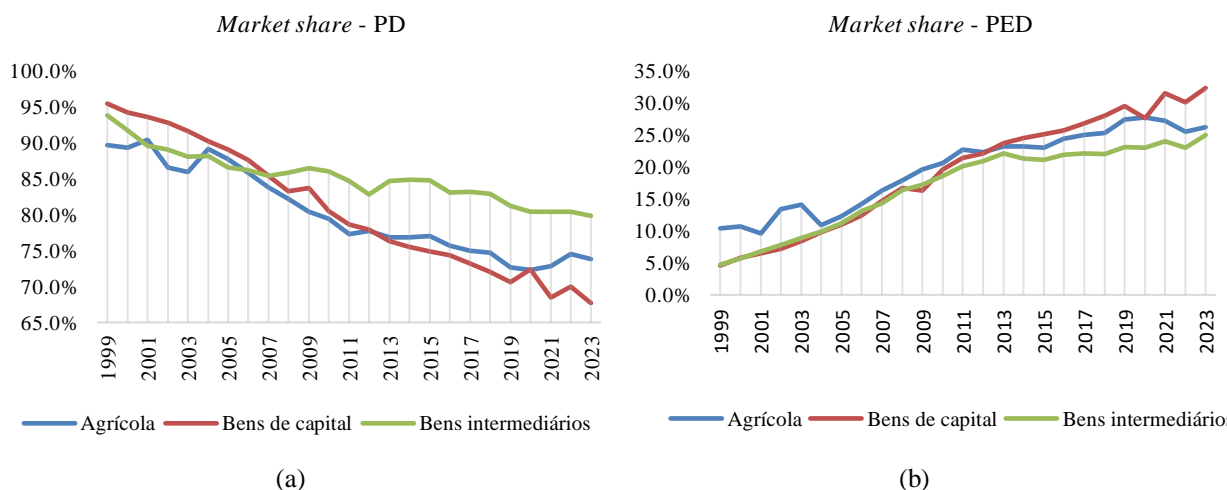
Tabela 8 – Especialização (%) da China nas importações de PD e PED por produto.

Tipo de país	Categoria	Média (%)	Mínimo (%)	Máximo (%)
PD	Agrícola	80.3%	72.3%	90.4%
PED	Agrícola	19.7%	9.6%	27.7%
PD	Intermediário	83.1%	75.0%	95.3%
PED	Intermediário	16.9%	4.7%	25.0%
PD	Capital	80.8%	67.7%	95.4%
PED	Capital	19.2%	4.6%	32.3%

Elaborada pelos autores, (2025).

Em bens de capital, a amplitude do intervalo (67,7% a 95,4%) revela momentos em que exportadores de renda média conseguem ampliar espaço, mas sem comprometer a primazia dos PD. No segmento agrícola, a média de 80,3% sugere que, embora haja concorrência de PED, os mercados desenvolvidos continuam a importar volumes maiores de alimentos processados e insumos agroindustriais chineses. A Figura 6 ilustra a evolução das exportações chinesas ao longo do período analisado.

Figura 6 – Especialização das exportações chinesas por categoria de produto, 1999–2023 (%): (a) PD; (b) PED.



Elaborada pelos autores, (2025).

Nos PD, as exportações chinesas concentram-se em bens intermediários, que superam 80% do total exportado, refletindo a fragmentação global da produção e a especialização da China em fornecer partes e insumos para montagem em economias industrializadas (Johnson; Noguera, 2012; Aoyama; Song; Wang, 2024). Essa configuração apoia-se em vantagens comparativas de custos e infraestrutura, em eletrônicos, mecânica de precisão e química fina, consolidando a China como “fábrica do mundo”, responsável por cerca de 35% da produção manufatureira global em 2020 (Baldwin, 2024).

Nos PED, observa-se participação de bens de capital, de menos de 10% nos anos 2000 para mais de 20% recentemente, refletindo a expansão chinesa em mercados emergentes com produtos competitivos e financiamentos atraentes, vinculados à iniciativa Belt and Road (Nonnenberg; Lima; Bispo, 2022; Ye, 2020; Shi *et al.*, 2024). A participação em produtos agrícolas, embora modesta, vem aumentando (Bispo; Martins; Cechin, 2022).

A especialização exportadora indica uma estratégia assimétrica: nos PD, a China atua como plataforma industrial complementar; nos PED, fornece bens de capital e manufaturas, ampliando influência geopolítica, mas aumentando a dependência tecnológica (Sekakela, 2016). Essa dinâmica segue a lógica das cadeias globais de valor, com PD ocupando posições de alta complexidade e destinos finais, enquanto nos PED a dependência pode comprometer industrialização e diversificação econômica, como observado na África e na América Latina,

onde 80% das exportações para a China concentraram-se em commodities (Porter, 1990; Lobo, 2019; Casanova; Xia; Ferreira, 2016; Casanova; García-Herrero, 2016).

Nos PD, a penetração chinesa em setores de maior valor agregado desafia indústrias locais, que respondem com inovação e diferenciação (Arevalo; Arruda; Carvalho, 2016; Porter; Heppelmann, 2015). A interdependência global traz implicações geopolíticas, evidenciadas em tensões comerciais e no setor de semicondutores, onde a dependência mútua pode gerar tanto cooperação quanto vulnerabilidade (Aoyama; Song; Wang, 2024).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo analisou a trajetória da China no comércio internacional entre 1999 e 2023, comparando PD e PED com base em indicadores de participação de mercado (*market share*) e especialização comercial. Constatou-se que os produtos chineses ampliaram sua presença global, enquanto muitos PED passaram a depender mais do mercado chinês para a exportação de commodities. Os PD mantêm papel central como fornecedores de bens intermediários e de capital de alta complexidade para a China.

Nos PD, essa relação reflete um arranjo produtivo integrado, no qual insumos e equipamentos sofisticados abastecem a indústria chinesa. Nos PED, as exportações continuam concentradas em commodities agrícolas, minerais e energéticas, com menor diversificação e maior vulnerabilidade a variações de demanda. Foi identificado o crescimento das exportações chinesas de bens de capital para os PED, nos setores de infraestrutura e transportes, apoiadas por financiamento de instituições chinesas no âmbito da Iniciativa do Cinturão e Rota. Essa estratégia fortalece a presença da China no comércio global e amplia sua influência política e econômica sobre esses mercados.

A especialização exportadora da China revela padrões distintos: para os PD, predominam bens intermediários; para os PED, observa-se aumento da participação de bens de capital e produtos agrícolas. Essa configuração está associada à política externa chinesa de expansão de mercados e ao estreitamento das relações com países de menor capacidade industrial.

As relações comerciais geram formas distintas de dependência: produtiva nos PD, ligada ao fornecimento de insumos e componentes, e estrutural nos PED, marcada pela limitação da pauta exportadora e pela importação crescente de bens de capital chineses. Esse quadro pode

restringir a diversificação produtiva e tecnológica dos PED. Em um cenário de tensões geopolíticas, torna-se necessário buscar equilíbrio entre os benefícios da integração e a mitigação da dependência, recomendando-se aprofundar análises setoriais e incorporar dados de comércio em valor adicionado.

REFERÊNCIAS

- AOYAMA, Y.; SONG, E.; WANG, S. Y. Geopolitics and geospatial strategies: the rise of regulatory supply chain controls for semiconductor GPN in Japan, South Korea and Taiwan. **ZFW – Advances in Economic Geography**, v. 68, n. 3-4, p. 167-181, 2024. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/zfw-2024-0046/html>. Acesso em: 11 dez. 2025.
- AREVALO, J. L. S.; ARRUDA, D. de O.; CARVALHO, J. P. Competitividade no comércio internacional do café: um estudo comparativo entre Brasil, Colômbia e Peru. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras, v. 18, n. 1, p. 62–78, jun. 2016. Disponível em: <https://www.revista.dae.ufla.br/index.php/ora/article/view/888>. Acesso em: 11 dez. 2025.
- AUTOR, D.; DORN, D.; HANSON, G. H. On the persistence of the China shock. Cambridge, MA: **National Bureau of Economic Research**, 2021. (NBER Working Paper, n. w29401). Disponível em: https://www.nber.org/system/files/working_papers/w29401/w29401.pdf. Acesso em: 11 dez. 2025.
- BALDWIN, R. China is the world's sole manufacturing superpower: a line sketch of the rise. **CEPR's VoxEU**, 17 jan. 2024. Disponível em: <https://cepr.org/voxeu/columns/china-worlds-sole-manufacturing-superpower-line-sketch-rise>. Acesso em: 15 ago. 2025.
- BAŞYIĞIT, M. Contribution and/or dependency: Chinese hegemony on Turkey's mineral export. **Resources Policy**, v. 74, p. 102397, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.resourpol.2021.102397>. Acesso em: 15 ago. 2025.
- BISPO, S. Q. A.; MARTINS, M. M. V.; CECHIN, A. **Evolução da agricultura chinesa: da fome às reformas de desenvolvimento do setor**. Brasília, DF: IPEA, 2022. (Nota Técnica, n. 45). Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10961/2/NT_45_Dinte_Evolucao_agricultura_chinesa.pdf. Acesso em: 15 ago. 2025.
- CALIENDO, L. On the dynamics of the Heckscher-Ohlin theory. **SSRN Electronic Journal**, 2010. DOI: <https://doi.org/10.2139/ssrn.1712074>. Acesso em: 15 ago. 2025.
- CARNEIRO, F. L. *et al.* **As medidas não tarifárias constituem barreiras ao comércio? Uma abordagem global e multissetorial**. Brasília, DF: IPEA, 2022. (Texto para Discussão, n. 2775). DOI: <https://doi.org/10.38116/td2775>. Acesso em: 15 ago. 2025.

- CARVALHO, M. H. de. **A economia política do sistema financeiro chinês (1978-2008)**. 2013. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- CASANOVA, C.; GARCÍA-HERRERO, A. **Africa's rising commodity export dependency on China**. 2016. Disponível em: https://www.bbvarsearch.com/wp-content/uploads/2016/05/WP_16-09_BBVA_China-Africa.pdf. Acesso em: 15 ago. 2025.
- CASANOVA, C.; XIA, L.; FERREIRA, R. Measuring Latin America's export dependency on China. **Journal of Chinese Economic and Foreign Trade Studies**, v. 9, n. 3, p. 213–233, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1108/JCEFTS-08-2016-0022>. Acesso em: 15 ago. 2025.
- CINTRA, M. A. M.; SILVA FILHO, E. B. da; PINTO, E. C. (org.). **China em transformação: dimensões econômicas e geopolíticas do desenvolvimento**. Brasília, DF: IPEA, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/4606>. Acesso em: 15 ago. 2025.
- DHOUBHADEL, S. P.; RIDLEY, W.; DEVADOSS, S. Brazilian soybean expansion, US–China trade war, and US soybean exports. **Journal of the Agricultural and Applied Economics Association**, v. 2, n. 3, p. 446–460, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1017/aae.2023.23>. Acesso em: 15 ago. 2025.
- FEENSTRA, R. C. **China's growing role in world trade**. Chicago: University of Chicago Press, 2010.
- GUO, J. The political economy of China–Latin America relations: the making of a post-boom paradigm. **China International Strategy Review**, v. 5, n. 1, p. 113–138, 2023. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s42533-023-00142-9>. Acesso em: 15 ago. 2025.
- JAKUBIK, A.; STOLZENBURG, V. The ‘China Shock’ revisited: insights from value added trade flows. **Journal of Economic Geography**, v. 21, n. 1, p. 67–95, 2021. Disponível em: <https://academic.oup.com/joeg/article/21/1/67/6118061>. Acesso em: 15 ago. 2025.
- JENKINS, R. **China's global growth and Latin American exports**. London: United Nations University, Research paper n° 2008/104, 2010. p. 1 – 20. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/24108829_Chinas_Global_Growth_and_Latin_American_Exports. Acesso em: 15 ago. 2025.
- JIAN, L.; DING, T.; MA, W. Research on China-EU equipment manufacturing trade dependence in intra-industry specialization view. **Plos One**, v. 17, n. 11, e0278119, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0278119>. Acesso em: 15 ago. 2025.
- JOHNSON, R. C.; NOGUERA, G. Accounting for intermediates: production sharing and trade in value added. **Journal of International Economics**, v. 86, n. 2, p. 224–236, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jinteco.2011.10.003>. Acesso em: 15 ago. 2025.

KANG, M. J. S.; LIAO, W. **Chinese imports: what's behind the slowdown?** Washington, DC: International Monetary Fund, 2016.

KRUGMAN, P. Increasing returns and economic geography. **Journal of Political Economy**, v. 99, n. 3, p. 483-499, 1991. DOI: <https://doi.org/10.1086/261763>. Acesso em: 15 ago. 2025.

KRUGMAN, P.; ELIZONDO, R. L. Trade policy and the third world metropolis. **Journal of Development Economics**, v. 49, n. 1, p. 137-150, 1996. DOI: [https://doi.org/10.1016/0304-3878\(95\)00055-0](https://doi.org/10.1016/0304-3878(95)00055-0). Acesso em: 15 ago. 2025.

KRUGMAN, P. R.; OBSTFELD, M. **Economia internacional**. 10. ed. São Paulo: Pearson Universidades, 2015.

LEE, Y.; DACASS, T. Reducing the United States' risks of dependency on China in the rare earth market. *Resources Policy*, v. 77, 102702, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.resourpol.2022.102702>. Acesso em: 15 ago. 2025.

LI, W.; LI, C. Research on Sino-Russian trade potential based on gravity model. **Modern Economy**, v. 12, n. 12, p. 1805-1816, 2021. DOI: <https://doi.org/10.4236/me.2021.1212095>. Acesso em: 15 ago. 2025.

LI-HUA, R. **Competitiveness of Chinese firms: West meets East**. Cham: Springer, 2014.

LIN, J. Y. New structural economics: a framework for rethinking development. **The World Bank Research Observer**, v. 26, n. 2, p. 193-221, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1093/wbro/lkr007>. Acesso em: 15 ago. 2025.

LOBO, G. N. F. **Determinantes da competitividade das nações e o comércio internacional**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Econômicas) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/39339>. Acesso em: 15 ago. 2025.

NONNENBERG, M.; LIMA, U. M.; BISPO, S. Q. A. Políticas industriais na China nos últimos trinta anos. **Revista Tempo do Mundo**, v. 28, p. 297-344, 2022. DOI: <https://doi.org/10.38116/rtm28art11>. Acesso em: 15 ago. 2025.

NORRIS, P. Global governance and cosmopolitan citizens. In: NYE JR, J. S.; DONAHUE, J. D. (org.). **Governance in a globalizing world**. 1. ed. Washington, DC: Brookings Institution Press, 2000. p. 155-177.

OECD-FAO. **OECD-FAO agricultural outlook 2018-2027**. Paris: OECD Publishing, 2018. DOI: https://doi.org/10.1787/agr_outlook-2018-en. Acesso em: 15 ago. 2025.

PIZZOL, A. M. T. *et al.* Comércio Brasil e China: uma análise de *market share*. In: CONGRESSO DA SOBER, 61., 2023, jul. 2023. **Anais [...]**. Brasília: SOBER, 2023. Disponível em: <https://www.sober.org.br/congresso2023/anais/>. Acesso em: 15 ago. 2025.

POTER, M. E. New global strategies for competitive advantage. **Planning Review**, v. 18, n. 3, p. 4-14, 1990. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/eb054287>. Acesso em: 15 ago. 2025.

PORTER, M. E.; HEPPELMANN, J. E. How smart, connected products are transforming companies. **Harvard Business Review**, v. 93, n. 10, p. 96-114, 2015. Disponível em: <https://hbr.org/2015/10/how-smart-connected-products-are-transforming-companies>. Acesso em: 15 ago. 2025.

RAZAQ, N.; MUHAMMAD, K.; KARIM, R. China's dual circulation policy: navigating domestic reform and global integration. **Pakistan and the Belt & Road Initiative: a journey through politics & economy**, n. 33, 2024.

RØSETH, T. Russia's energy relations with China: passing the strategic threshold? **Eurasian Geography and Economics**, v. 58, n. 1, p. 23-55, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1080/15387216.2017.1304229>. Acesso em: 15 ago. 2025.

SANTOS, P. L. *et al.* Comércio internacional, competitividade, taxa de câmbio e exportações de manga do Vale do São Francisco. **Revista Econômica do Nordeste**, v. 52, n. 1, p. 45-63, 2021.

SEKAKELA, K. The impact of trading with China on Botswana's economy. **Journal of Chinese Economic and Foreign Trade Studies**, v. 9, n. 1, p. 2-23, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1108/JCEFTS-09-2014-0022>. Acesso em: 15 ago. 2025.

SHENG, S. **A história da China Popular no século XX**. Rio de Janeiro: FGV, 2012.
SHI, J. *et al.* Belt and road initiative and export sophistication: the role of China's outward foreign direct investment. **The Journal of International Trade & Economic Development**, p. 1-20, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1080/09638199.2024.2332929>. Acesso em: 15 ago. 2025.

TAN, Y. **How the WTO changed China**: the mixed legacy of economic engagement. 2021. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/china/2021-02-16/how-wto-changed-china>. Acesso em: 15 ago. 2025.

TO, E. M. Y.-H.; ACUÑA, R. China and Venezuela: South-South cooperation or rearticulated dependency? **Latin American Perspectives**, v. 46, n. 2, p. 126-140, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1177/0094582X18813574>. Acesso em: 15 ago. 2025.

UNCTAD. **State of commodity dependence 2019**. Geneva: United Nations Conference on Trade and Development, 2019. Disponível em: https://unctad.org/system/files/official-document/ditcom2019d1_en.pdf. Acesso em: 15 ago. 2025.

WANG, J. Y. **What drives China's growing role in Africa?** Washington, DC: World Bank, 2007.

WANG, M.-C.; CHEN, T.-F. Does the spillover of China's economic growth exist? Evidence from emerging markets. **The Journal of International Trade & Economic Development**, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09638199.2016.1168477>. Acesso em: 15 ago. 2025.

WANG, J.; TIAN, X. Impacts of the belt and road initiative on China's bilateral trade. **Journal of the Asia Pacific Economy**, v. 27, n. 3, p. 400-424, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1080/13547860.2020.1857809>. Acesso em: 15 ago. 2025.

WORLD BANK. World Bank Open Data. Database, 2024. Disponível em: <https://data.worldbank.org/>. Acesso em: 15 ago. 2025.

WORLD INTEGRATED TRADE SOLUTIONS (WITS). World Trade Integrated Solutions Database. World Integrated Trade Solutions, 2024. Disponível em: <https://wits.worldbank.org/WITS/WITS/Restricted/Login.aspx>. Acesso em: 15 ago. 2025.

YE, M. **The Belt Road and beyond: State-mobilized globalization in China: 1998–2018**. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.

Sobre a autoria

João Pedro Torres Kdouh

Bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Viçosa.

joaokdouh@gmail.com

Michelle Márcia Viana Martins

Doutora em Economia. Professora adjunta do Departamento de Economia da Universidade Federal de Viçosa.

michelleviana@ufv.br

Letícia Aparecida de Oliveira

Mestre em economia. Doutoranda em Economia Aplicada pelo Departamento de Economia Rural (DER) da Universidade Federal de Viçosa

leticia.oliveira@ufv.br

Contribuição de autoria

João Pedro Torres Kdouh: concepção, coleta de dados, análise de dados, elaboração do manuscrito, redação, discussão dos resultados.

Michelle Márcia Viana Martins: concepção, elaboração do manuscrito, redação, discussão dos resultados, revisão.

Letícia Aparecida de Oliveira: síntese do texto, refação de algumas tabelas e gráficos, bem como adaptação às normas editoriais e de submissão da revista.

Financiamento (se houver)

Não se aplica.

Consentimento de Uso de Imagem

Não se aplica.